

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Waldo Felipe Gonzalez Yanez

**A potência da juventude periférica: a experiência do Sarau do
VOPO**

São Paulo

2021

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Waldo Felipe Gonzalez Yanez

**A potência da juventude periférica: a experiência do Sarau do
VOPO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Fundação Escola de
Sociologia e Política de São Paulo como
exigência para obtenção do título de
especialização em Psicossociologia da
Juventude e Políticas Públicas, sob a
orientação do Dr. Sergio Luís Braghini.**

São Paulo

2021

Folha de aprovação

Waldo Felipe Gonzalez Yanez

Título do trabalho: A potência da juventude periférica: a experiência do Sarau do VOPO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo como exigência para obtenção do título de especialização em Psicossociologia da Juventude e Políticas Públicas, sob a orientação do Dr. Sergio Luís Braghini.

Banca examinadora:

Data de aprovação:

Resumo

O presente artigo tem como objetivo contribuir com as reflexões sobre juventude brasileira. Partindo das nossas análises *in loco* no Sarau do VOPO, organizado por jovens moradores do bairro periférico Pq. Vila Maria na Zona Norte de São Paulo, buscamos traçar uma relação entre a potência da juventude, os saraus de periferia e o exercício da cidadania. Para isso traçamos o seguinte caminho: iniciamos buscando conceituar os termos adolescência e juventude, com o objetivo de escapar de abstrações que possam ser generalizantes e não dialoguem com os sujeitos envolvidos em nossas análises. Nos interessa muito mais que determinar o melhor uso do termo que marca a fase da vida entre a infância e adultos, trazer à tona a especificidade do jovem periférico. Em seguida realizamos uma breve consideração sobre a cena dos saraus nas periferias, seu surgimento, suas influências do rap, da literatura marginal e seu papel como uma arte cidadã. Ao fim, realizamos a análise da experiência do Sarau do VOPO, através da organização do próprio evento, que contempla um ritual de silêncio, declamações e aplausos. Além disso, apresentamos algumas produções poéticas que traduzem os sentimentos envolvidos entre os jovens frente as desigualdades vividas e como estas são expostas socialmente através da poesia.

Palavras-chave: juventude; adolescência, periferia, sarau, cultura, poesia

Abstract

This article aims to contribute to reflections about Brazilian youth. Based on our in loco analysis at Sarau do VOPO, organized by ghetto young residents of Pq. Vila Maria, district north of São Paulo city, we tried try to connect a relation between the power of youth, the poetry soirees on the ghetto and the exercise of citizenship. For this, we traced the following path: we started by trying to conceptualize the terms adolescence and youth with the objective of escaping from abstractions that might be generalizing and do not dialogue with the subjects involved in our analyses. We are much more interested to determinate the best use of the term that marks the stage of life between childhood and adulthood, bringing out the specificity of the ghetto youth. Then, we make a brief consideration about the poetry soiree in the ghetto, its emergence, its influences from rap, marginal literature and its role as a citizen art. Finally, we analyzed the experience of the Sarau do VOPO, through the organization of the event itself, which includes a ritual of silence, declamations and applause. In addition, we present some poetic productions that reflect the feelings involved among young people facing the inequalities experienced and how these are socially exposed through poetry.

Keywords: youth, adolescence, ghetto, poetry soiree, culture, poetry

Introdução

É um sábado a tarde de 2019, por volta das 16 horas no bairro periférico da Zona Norte de São Paulo chamado Parque Vila Maria. Na região não há aparelhos públicos abertos que sejam convidativos para que a juventude possa se expressar livremente. A escola possui apenas sua quadra aberta para a turma do futebol e o Centro para Crianças e Adolescentes local (CCA) está fechada. O CEU Novo Mundo, prometido desde 2015 segue em obras e sem previsão de entrega¹. As ruas são estreitas e mal planejadas. O cenário é de crianças correndo, empinando pipa, disputando o espaço com os carros, motos que são empinadas e caminhões que passam nas ruas mais largas, já que a maior parte do território é composta por becos e vielas (o bairro é acesso para a rodovia presidente Dutra, Marginal Tietê e Fernão Dias). Faz parte da paisagem também jovens que ficam nesses becos ou em esquinas, trabalhando para o tráfico de drogas nas “biqueiras”. As praças são distantes para que crianças e adolescentes possam se deslocar com segurança sem a companhia de um adulto. O cenário não é diferente de outros bairros periféricos de São Paulo, a maioria das casas são de alvenaria, algumas sem reboco apenas no tijolo baiano, telhas irregulares, lajes construídas de forma independente. Uma paisagem que nos remete à uma ideia de eterna construção, improvisado e abandono do poder público em termos urbanísticos. Compõe a paisagem alguns pequenos comércios, “mercadinhos locais” que abastecem a população com os itens mais básicos de alimentação e os dois estabelecimentos de maior quantidade na região e que nunca estão vazios, os bares e as igrejas.

O trabalho que iremos expor neste artigo é fruto da vivência observada *in loco* de uma atividade cultural que ocorre justamente dentro de um espaço cedido pela Igreja Católica na Capela São José Operário. No salão da capela ocorrem algumas atividades organizadas pelo Movimento Interativo de Arte Cultura e Ação Social (MIARCAS)², coletivo fundado em 2010 por ativistas da própria comunidade. É nesse espaço, de uma igreja, que jovens do bairro organizam mensalmente um evento cultural que eles chamam de Sarau do VOPO.

¹ O CEU Novo Mundo foi inaugurado parcialmente em novembro de 2020 e até o momento está em funcionamento apenas a CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil)

² <https://www.facebook.com/ColetivoMiarcasZNSP/> acessado em 03/11/2021 às 19h15m.

Esses jovens fazem parte de um grupo chamado Vozes Poéticas (VOPO). O VOPO foi fundado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Carneiro Thomaz Alves, Gal. em 2014. Os participantes são residentes da própria comunidade e segundo a descrição na página do *facebook*, o grupo apresenta que “o VOPO emergiu da vontade dos jovens expressarem através da arte todas as suas contradições sociais vividas³”.

Quais seriam essas “contradições sociais vividas” por esses jovens? Por que organizar um sarau para se expressar? O que tal evento possui de especial para que os atraíssem? Este artigo terá como objetivo principal apresentar a relação dessa juventude com a experiência do Sarau e se encaixa na compreensão analítica que o autor Leon (2005) designou como “trajetórias de vida e as novas condições juvenis⁴”. Essa compressão baseia-se na situação social dos jovens em termos de análise territorial e temporal concreta, sendo como os diversos jovens vivem e experimentam sua condição de jovens em um espaço determinado⁵, em nosso caso, o jovem da periferia de São Paulo. Além de compreender o caráter ativo da juventude que será analisada, também utilizaremos o viés de abordagem citada por Abramo (2005) chamada “a juventude cidadã como sujeitos de direitos⁶”. Entendemos que o tipo de arte ao qual os jovens estão envolvidos são de cunho reivindicatórios de cidadania e onde essa cidadania lhes foi negada, eles foram lá buscaram.

A fonte que impulsionou nossa motivação para realizar tal trabalho foram ser as observações realizadas em 2019 *in loco*, mas queremos começar com uma breve explanação sobre as considerações do que podemos entender pelos conceitos de adolescência e juventude. Para isso dialogaremos com autores que qualificam tal debate e suas perspectivas sobre a compreensão de tais conceitos do ponto de vista da psicossociologia. Em seguida buscaremos o distanciamento necessário para melhor compreensão analítica sobre o fenômeno do sarau nas periferias de São Paulo, trazendo para nossa reflexão autores que já produziram sobre o assunto. E por último tentar responder tais problemas mencionados

³ <https://www.facebook.com/VOPOvozespoeticas>

⁴ LEON, Oscar Davila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.16

⁵ *Ibidem*, p.17.

⁶ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.15.

acima, visando estabelecer uma síntese entre a organização do evento cultural, as demandas juvenis expressas nos poemas declamados (foi observado que muitos jovens declamam poemas de outros autores, mas como queremos captar a experiência da juventude ao máximo, nos dedicaremos apenas aos poemas escritos pelos próprios jovens organizadores) e a própria vivência da juventude periférica de São Paulo.

Considerações sobre Adolescência e Juventude.

O público do Sarau na Comunidade é tão jovem quanto os participantes do coletivo VOPO. Os jovens mais velhos, na faixa dos 17-18anos são os fundadores do grupo, que participam esporadicamente ou sempre chegam durante o evento devido a já estarem inseridos no mercado de trabalho. Os adultos presentes, além dos corresponsáveis, geralmente são professores do território, alguns familiares ou estudantes universitários que estão fazendo algum trabalho de campo. Também há algumas crianças na faixa dos 8-11anos que são irmãs e irmãos menores dos jovens ou mesmo crianças que estavam na rua e ouviram a agitação dentro da capela e entraram. Assim, a maioria dos participantes do sarau possuem entre 12 e 17anos. Para fins de melhor compreensão sobre nosso trabalho, de quais jovens especificamente estamos tratando, faz-se necessário algumas palavras sobre a busca por definições da fase de desenvolvimento humano que está entre a infância e o adulto, ou seja, os conceitos de adolescência e juventude. Entendemos que do contrário tais categorias se tornariam abstratas demais, perdendo assim sua concretude com a relação estabelecida em sua manifestação artística.

A primeira definição que nos salta aos olhos é sobre a faixa etária, que rapidamente podemos identificar tomando a Lei 8.069/90 (Estatutos da Criança e o Adolescente) e a Lei 12.852/2013 (Estatuto da Juventude), teríamos as definições de criança para pessoa até 12 anos incompletos, adolescentes entre 12 e 18anos de idade e jovens pessoas com idade entre 15 e 29anos⁷⁸. Assim poderíamos então dizer que o público predominante no sarau não poder ser claramente definido, já que em algum momento há uma sobreposição entre a adolescência e juventude. Porém, entendemos que essa definição etária é importante principalmente para a garantia dos direitos e as diretrizes de políticas públicas instituídas em seus determinados estatutos. Segundo Leon,

“disciplinarmente, tem sido atribuída à psicologia a responsabilidade analítica da adolescência, na perspectiva de uma análise e delimitação partindo do sujeito particular e seus processos e transformações como sujeito. Deixando a outras disciplinas das ciências sociais – e também das humanidades – a categoria de juventude, em especial à sociologia,

⁷ BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

⁸ BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

antropologia cultural e social, história, educação, estudos culturais, comunicação, entre outras”⁹ (LEON, 2005, p.11)

Vale destacar que o “termo adolescente entra na cultura contemporânea pelo psicólogo estadunidense G. Stanley Hall em 1898, cristalizado em 1904 com a publicação de *Adolescence*”¹⁰. Foi ele quem chamou atenção que essa fase da vida não era só determinada biologicamente, mas também socialmente construída, “a adolescência é mais do que a puberdade”¹¹. Ou seja, quando o termo surge no começo do século XX já há um certo rompimento com a perspectiva biologizante do sujeito. Então, falar de adolescente é entender suas mudanças físicas e mentais, mas também sua relação com o meio social, não apenas separá-las como o senso comum tende a fazer, adolescente é sinônimo de mudanças fisiológicas, juventude é uma categorial social. Podemos assim nos perguntar: qual é a importância então de criar (e aderir) a um outro termo para designar essa fase da vida? Quando observamos a historicidade da base do termo entendemos sua importância, pois a criação da adolescência carrega a preocupação com a precocidade ao qual os jovens chegam às ruas, ao trabalho, às relações sexuais e às prisões, tanto no tempo de Hall como ainda hoje. A luta era para que os benefícios da infância se prolongassem (em seu contexto, Hall estende até os 24anos o período da adolescência), para que o período de moratória fosse de aprendizado, permitindo a liberdade do estudante “em ser preguiçoso”. O autor também recomendava às instituições americanas “que os jovens precisavam de repouso, lazer, arte, lendas, romance, idealizações e em resumo, humanismo”.¹² As palavras de Hall foram importantes para que a escolarização de jovens fosse tão obrigatória quanto das crianças.

Ao fazer o movimento de encontrar um termo “mais correto” para designar a juventude, Bourdieu (1983) em uma entrevista, nos lembra que se trata apenas de uma palavra que marca a fase entre a infância e a velhice, ou seja, “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” e “que a juventude e a velhice não são dadas, mas construídos socialmente”¹³. A juventude deve ser historicizada, não

⁹ LEON, Oscar Davila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.11.

¹⁰ SAVAGE, Jon. O século americano, G. Stanley Hall e *Adolescence* in: A criação da juventude. Como o conceito de *teenager* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro. Rocco, 2009, 86

¹¹ Ibidem, p.82.

¹² Ibidem, p.87.

¹³ BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra? In Bourdieu, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983, p.113

se trata de um fenômeno único no tempo e espaço, mas sim um fato social específico de um determinado contexto. Não é possível falar de juventude sem contemplar uma diversidade social ampla, que leve em consideração fatores econômicos e culturais.

No Brasil, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI 8.098/90) é que a luta em defesa dos direitos da infância e adolescência ganham outro corpo. Volta-se a atenção de que esta fase da vida é de desenvolvimento que exigem cuidados e proteção. Segundo Abramo (2005)

“o ECA é considerado uma das leis mais avançadas do mundo e que tem sido importante marco para o estabelecimento de uma nova noção de cidadania para esses segmentos, mesmo que ainda se observe uma grande distância entre a lei e a realidade”.¹⁴ (ABRAMO, 2005, p.23)

Reconhece-se a importância, mas também a distância entre a lei e a real implementação. Isso porque muitas vezes os conceitos são formas de abstração, generalizando o que seriam esses jovens e adolescentes, por isso é “necessário estar atento a heterogeneidade do juvenil a partir das diversas realidades cotidianas nas quais se desenvolvem as distintas juventudes¹⁵.” Em nosso trabalho estamos visando o adolescente e o jovem específico, da periferia de São Paulo, filho ou já pertencente à classe trabalhadora, pois Bourdieu menciona, por exemplo, que o desejo de aceder o mais rápido possível ao estatuto de adulto e conseqüentemente suas capacidades econômicas que são associadas é um dos motivos pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo. Ou seja,

“ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação as meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como “homem”. Este é um dos fatores do mal-estar que a escolaridade prolongada sucinta nos filhos das classes populares”.¹⁶ (BOURDIEU, 1983, p.117)

Porém não abandonamos essa tendências pós anos 1990, com a implementação do ECA, pois concordamos com Abramo (2005) que a perspectiva centrada na noção de cidadania, de direitos, de considerar jovens

¹⁴ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.23.

¹⁵ LEON, Oscar Davila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.14.

¹⁶ BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra? In Bourdieu, P. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983, p. 117

como sujeitos integrais (saúde física e mental) é a “mais profícua para avançar em políticas universais que atendam, da forma mais integral e ao mesmo tempo diversificada, às necessidades dos jovens, assim como às suas capacidades de contribuição e participação social¹⁷”.

Como veremos adiante, o sarau é um instrumento para protagonizar e exigir cidadania.

¹⁷ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das nações de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.23

Considerações sobre os saraus nas periferias de São Paulo.

De forma geral os saraus na periferia são encontros poéticos organizados em locais, que pelo discurso do consenso, só havia crime e miséria¹⁸. Estima-se que atualmente existam meia centena desses encontros espalhados pelas periferias da Grande São Paulo¹⁹. Segundo Reyes (2013)

“os saraus funcionam como pontos de politização, em que a palavra não é apenas lúdica, fonte de prazer e de expressão, mas, sobretudo, fonte de articulação e reivindicação. São espaços onde novos sujeitos – individuais e coletivos, políticos e sociais – vão se construindo, por meio do diálogo, da troca, do conhecimento e, principalmente, da certeza de ser com dignidade, lá onde a dignidade sempre foi negada”.²⁰ (REYES, 2013, p.27)

A palavra sarau não é nova, etimologicamente deriva do termo latino *sérum*, que significa “tarde”, momento em que originalmente se realizavam tais encontros. No Brasil do século XIX sabe-se que D. Pedro II realizava saraus. Em Machado de Assis também se verifica em suas crônicas um grande sarau organizado às quintas feiras na casa do senador Joaquim Nabuco ou também podemos verificar como o local em que frequenta o personagem Pestana de Homem Célebre. No começo do século XX alguns modernistas como Lasar Segall, Oswald de Andrade e Mario de Andrade também frequentavam saraus. Pode-se dizer que tais eventos culturais tinham como proposta oferecer um certo capital cultural para legitimar uma classe social e sua intelectualidade, e um interesse na exibição social para marcar uma certa posição de classe²¹.

Segundo Tennina (2017), esse deslocamento do termo sarau, que passa da cultura letrada para uma cultura periférica e, em grande medida, oral, “começa a se observar no ano de 2001 quando um grupo de poetas liderados por Sérgio Vaz dá origem ao Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia)”²². A Cooperifa começa a utilizar um bar, do Zé Batidão, no extremo da Zona Sul de São Paulo para realizar declamações de poesias uma vez por semana durante duas horas. No entanto, outros dois movimentos culturais anteriores foram a

¹⁸ TENNINA, Lucía. Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017, p.48.

¹⁹ Ibidem, p.48.

²⁰ REYES Alejandro. Vozes dos Porões: A literatura periférica/marginal do Brasil, Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2013.p27.

²¹ TENNINA, Lucía. Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017, p.50.

²² Ibidem, p.51.

base para a chega dos saraus nas periferias, influenciando diretamente sua estética e ética, o hip hop e a literatura marginal.

O hip hop nasce nos Estados Unidos, mais especificamente no bairro do Bronx nos anos 1970. É um movimento que abarca quatro elementos principais, o grafitti, a dança break, o DJ (disc jockey) e o MC (mestre de cerimônias), sendo que estes dois últimos compõem o que nos interessa aqui, o rap. Quando o rap chega ao Brasil em meados dos anos 1980 é rapidamente absorvido pela população, já que a oralidade assume um papel de destaque na formação principalmente da juventude. O rap acaba sendo um estilo “que, a partir do grupo Racionais MC’s (fundado em 1988), assume posição contra os modos hegemônicos de produção de conhecimento atravessados pela letra escrita, e propõe a palavra falada como um meio de formação²³”. Também não é possível pensar essa entrada que o rap teve nas periferias sem considerar os movimentos sociais dos anos 1980, uma vez que muitas reflexões desses movimentos em São Paulo direcionaram “seu enfoque às periferias, nelas buscando desvendar a configuração, mobilização ou debilidades dos sujeitos e nas dinâmicas políticas da cidade²⁴”. Segundo Bertelli (2017), enquanto a visão hegemônica associa esses territórios com a violência, o tráfico, o crime e local de potenciais bandidos, “o rap vem na contramão, disputando narrativas e apresentando a periferia pelo viés positivo”²⁵. O rap assim, traz uma estética de confronto, o que influenciará fortemente as declamações poéticas nos saraus.

A literatura marginal dos anos 1990 é outro movimento importante para a ascensão dos saraus. É possível localizar o termo do “marginal” em outros momentos da história da literatura brasileira. Os escritores e sua produção marginal dos anos 1950 baseavam-se no concretismo e posteriormente nos anos 1970, em contexto de ditadura militar, têm muito mais a ver com estar a margem de uma estética e de uma temática. A situação do periférico, do operário ou do trabalhador em geral é matéria e objeto de produção, porém os autores não viviam o que produziam, é uma situação que o autor Pardue (2017)²⁶ chama

²³ Ibidem, p.55.

²⁴ BERTELLI, Giordano Barbin. Errância Racionais: a periferia, o rap e a política in: Vozes à Margem, periferia, estética e política, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017, p.22.

²⁵ Ibidem, p. 23.

²⁶ PARDEU, Derek. “O que adianta estética sem ética?” in: Vozes à Margem, periferia, estética e política, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017, p.160.

de interclasse, ou seja, é um olhar sobre, de fora da periferia. Apontamos duas grandes mudanças nessa “nova” literatura marginal, a primeira diz respeito a autoria intraclasse, uma vez que se trata de uma literatura produzida por escritores oriundos de favelas, periferias urbanas e prisões²⁷. Nomes como Ferrez, Sacolinha, Alessandro Buzo e Sergio Vaz moram e convivem na periferia, portanto sua produção literária é carregada pela força do cotidiano, pelo descaso do poder público e pela luta por uma vida digna. Outra grande mudança é a forte influência da oralidade na escrita da literatura marginal. Trata-se de um tipo de escrita que se sabe simples e que busca a expressão em um nível aproximado ao da fala cotidiana. Segundo Reyes (2013) “ao mesmo tempo em que se estabelece uma única e correta língua que todos devem falar e escrever, esta mesma língua é negada à imensa maioria da população”²⁸. A língua acaba se tornando um grande mecanismo de dominação e a literatura marginal ao trazer essa grande influência da oralidade aproxima a população que se identifica com a forma da escrita, com as linguagens das ruas e ao mesmo tempo enriquece a literatura com uma variação linguística que foge dos padrões da língua normativa. Na literatura marginal a estética é indissociável da ética²⁹. Deixo aqui um trecho de um texto poético de Sergio Vaz, que sintetiza sobre o que seria sua literatura

“é a poesia que apanha na cara, e não dá a outra face / a literatura que fala dessa vida desgramática que dói mesmo quando a gente parece que está feliz / é disso que a literatura da periferia fala, da luta e da busca de um mundo maravilhoso para todos nós”.³⁰ (PARDUE, 2017, p.2017)

Tanto o rap como a literatura marginal são expressões que dão ênfase à linguagem da periferia como mecanismo de coesão do grupo, vinculado a um território, a uma experiência e a um conhecimento em comum. São produções que trazem um eu-coletivo, inclusive “nas gírias” é nós e tamo junto. Essa postura de um sujeito coletivo impacta totalmente a atmosfera dos saraus das periferias, ao declamar uma poesia há uma performance única, de um corpo (raramente as declamações são em dupla ou grupos), mas a retórica sublinha

²⁷ REYES Alejandro. Vozes dos Porões: A literatura periférica/marginal do Brasil, Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2013.p29.

²⁸ Ibidem, p.30.

²⁹ Ibidem, p.30.

³⁰ PARDEU, Derek. “O que adianta estética sem ética?” in: Vozes à Margem, periferia, estética e política, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017, p.160.

um nós, um povo excluído do sistema, e sua mensagem chega aos ouvintes frequentadores do sarau com metáforas e símbolos de coletividade e sentido comum³¹. Por isso não é de estranhar que as produções dos saraus transcendem uma questão literária e artística, mas sim estende-se como um local de culto à autoestima dos moradores da periferia. Segundo Tennina, tomando a Cooperifa como objeto de análise, comenta que o sarau

“visa levar autoestima e cidadania à comunidade através da literatura, de acordo com essa lógica projeta um “eu” que tem uma consciência de si mesmo e uma valoração específica na moldura de um coletivo que lhe dá proteção e promove o desenvolvimento de pertença”³² (TENNINA, 2017, p.67)

Nos chama a atenção, portanto, essa relação estreita entre o culto à uma autoestima, o sentimento de pertencimento e a promoção da cidadania. E como essas questões dialogam entre si no sarau. Lançamos a hipótese que justamente por este cruzamento de experiências que o sarau se torna tão atraente para a juventude, despertando o interesse em ser protagonista de sua trajetória de vida, podendo se expressar mais livremente do que qualquer outro espaço que frequenta. Compartilhando tanto aquilo que o torna sujeito social na periferia, como a desigualdade social, o racismo, o machismo, a homofobia, a exploração de classe e todas as formas de injustiça, mas também aquilo que lhe é íntimo, seus medos, suas aflições, seus desejos, sua raiva, seus amores, tudo isso via poesia e ainda por tal expressão receber aplausos.

³¹ TENNINA, Lucía. Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017, p.67

³² Ibidem, p.67.

A potência da juventude periférica: a experiência do Sarau do VOPO

Neste último item, em que entrelaçaremos a adolescência e juventude com a experiência do sarau, adotaremos apenas os termos jovens e juventude para designar os sujeitos de análise de nosso trabalho. Pensamos que já explanamos sobre os conceitos no primeiro item, sendo assim, para não deixar a leitura cansativa optamos por apenas utilizar o termo adolescente quando realmente for algo específico.

Iremos apresentar a experiência do sarau organizado pela juventude através de sua organização, ritual de andamento do evento e pela temática das poesias declamadas, todas públicas em livros juntamente com outros coletivos culturais.

A organização do Sarau do VOPO começa semana antes, quando a jovem L. (16) prepara uma arte de divulgação do evento para ser disparado via redes sociais³³. No dia do sarau a organização começa trinta minutos antes do início do evento e como mencionado na introdução é realizado no salão de uma capela, aliás igrejas católicas são raras no território, a grande maioria são igrejas evangélicas, então assim como ocorre com os bares, as igrejas exercem um importante papel de socialização na periferia. Os adultos responsáveis chegam com a caixa de som, pedestal e alguns instrumentos de percussão para deixar o clima animado. Na falta de um local próprio, os equipamentos são guardados na unidade escolar. Todo o restante passa a ser agora administrado pelos jovens que chegam praticamente juntos, em bando. Interessante notar que eles entram geralmente dizendo: “Boa Tarde Família!” ou “Salve Família!”. Ao considerar o adolescente gregário, Calligaris (2000) diz que “os adolescentes em geral considerarão que sua verdadeira comunidade não é família”³⁴. A questão é que o termo “família” nos saraus de periferia está muito mais relacionado com um sentimento de pertencimento, de criação de laços de uma comunidade. E a verdadeira comunidade do adolescente, conforme nos aponta o mesmo autor, “é composta por seus coetâneos e entre estes, pelo grupo restrito de pares com os quais compartilha as escolhas de estilo mais importantes”³⁵.

³³ Deixaremos no anexo duas artes de exemplo.

³⁴ CALLIGARIS, Contardo. Adolescência. São Paulo, Ed. Publifolha, 2000. P.35

³⁵ Ibidem, p.37.

Algumas ações são feitas simultaneamente, enquanto L. (15) conecta o equipamento, S. (18) faz o teste de som com seu violão elétrico. Apesar da forte influência da Cooperifa na forma como o evento se dará, o Sarau do VOPO permite a utilização de instrumentos, do canto e até uma certa performance teatral na declamação de algumas poesias, desse modo amplia-se as linguagens que se apresentam nesses encontros³⁶. C. (14) e G. (15) organizam a mesa em que será servido o refrigerante, salgadinhos e algumas frutas, comidas que foram compradas por uma vaquinha ou até preparadas por alguma jovem. O público irá se servir enquanto o evento segue. A organização segue com a B. (14), C. (16) e E. (15) arrumando a posição das cadeiras. J. (14) ficará responsável por fotografar o evento. T. (14), M. (14) e L. (15) acolhem os participantes, anotando em um caderno se irão declamar poesia ou cantar e em um outro papel anotam o nome para o sorteio de livros ao final do evento. Os limites entre os ouvintes e quem declama durante o evento são dinâmicos, já que em um sarau a mesma pessoa pode estar alternando entre uma ou outra posição. Além disso, raramente comparece uma pessoa de fora do território, então existe um certo grau de familiaridade que reduz as distâncias quem costuma haver entre um artista e o público. Daí que geralmente não se fale de público nesses eventos e se denomine os presentes como frequentadores ou participantes³⁷. O Sarau é predominantemente apresentado pela jovem L. (14), por G. (14) e K. (15), este último aliás tem uma incumbência um tanto inusitada. O jovem faz parte do coletivo mencionado na introdução, MIARCAS, que também realiza atividades culturais no espaço. Como o local é um espaço religioso, há os santos no mesmo local em que é instalado o microfone, sendo assim, com autorização prévia, o jovem cobre os santos para que o ambiente realmente esteja dedicado a livre manifestação. Os santos ficam cobertos, mas o microfone é quem recebe a adoração. As cadeiras, a posição dos participantes, basicamente tudo gira em torno do microfone, que passa de mão em mão, unindo os corpos nessa manipulação compartilhada. Como afirma Tennina (2017) “é a possibilidade do poeta amplificar suas palavras, é uma arma do

³⁶ TENNINA, Lucía. Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017, p.52.

³⁷ Ibidem, p. 63.

poeta³⁸". O microfone, torna-se assim um meio de democratização, que dá voz tanto a um poema preparado em casa como a um recado sobre algum evento no território. O microfone funciona também como espaço de denúncia, desabafo, discussão e debate como veremos alguns poemas apresentados. Uma coisa é fato, o microfone atrai os jovens. Os adolescentes são barulhentos, adoram o último volume, mas também oscilam em viver de fone de ouvidos, é como se enviassem uma mensagem "ou te ensurdeço ou não te ouço"³⁹. No sarau, exceto em momento propício de silêncio, o barulho dos jovens é constante.

Desde que o equipamento de som foi ligado, a música rola solta durante todo momento de organização. Os outros jovens que não estão dedicados a esse fim, dançam, se abraçam, fazem as coreografias, recebem os convidados e tomam a palavra para orientar o público como será a sequência do evento, explicando sobre o nome da lista, o sorteio e convidando os frequentadores a se servir com os salgadinhos.

Com o atraso de alguns minutos, não pela organização, pois já estava tudo arrumado, mas sim devido ao atraso de alguns jovens do próprio coletivo e principalmente pela própria despreocupação com o horário, o som é interrompido, o sarau vai começar e se pede silêncio. O primeiro desafio é ter silêncio na periferia em um sábado a tarde. Os bares competem o maior volume, as motos explodem com seus escapamentos e o carro do ovo é onipresente. Outro desafio é pedir para que os jovens façam silêncio, como já mencionamos, o jovem já é barulhento, potencializa-se o meio social. Os jovens organizadores, que pertencem ao próprio coletivo do VOPO, já frequentaram outros saraus, então conhecem o ritual silêncio, declamação e aplausos. Esse ritual acaba criando um sentimento de pertença que valorize as vozes do sarau, ou seja, quando alguém está declamando, este não está falando apenas dele, mas também de todos ali. O poeta é o sujeito coletivo, como já citado anteriormente, o ouvinte jovem sempre espera que o que será dito por outro jovem como ele trará alguma mensagem que crie uma conexão. O sarau se inicia com a leitura ao estilo de jogral, do Manifesto das Vozes Poéticas escrito em 2014 de forma coletiva ⁴⁰

³⁸ Ibidem, p.71.

³⁹ CALLIGARIS, Contardo. Adolescência. São Paulo, Ed.Publifolha, 2000. P.78.

⁴⁰ Devido ao formato do trabalho, cito apenas um trecho do Manifesto. Deixarei na íntegra no anexo.

“O som que interrompe o silêncio anuncia a voz outrora calada e excluída.
 Voz de luta que clama, reclama e chama.
 Faz da dor poesia e das palavras balas.
 Visto Preto não por luto, mas por luta (coro)
 Não podemos mais oferecer às nossas meninas um modelo de como devem ser, isso não seria justo nem com ela, nem com você
 Não iremos mais tolerar que sejamos julgados pela cor de nossa pele, o branco é lindo, o amarelo é lindo, o vermelho é lindo, o negro é lindo
 Expresso a revolta, enfrentado os medos, agredindo as condições que o governo nos dá, não com pedras ou facas, mas com minha voz, com nossa voz! (coro)”⁴¹ (MANIFESTO, 2018, p.58)

O silêncio obviamente não é total, no entanto há uma considerável atenção para o que é falado. Esse ritual (do silêncio, declamação e aplausos) irá se repetir ao longo do sarau. Os jovens que irão declamar sabem que serão aplaudidos e que não haverá um rigor estético pela sua performance. Os aplausos são acompanhados com os sons dos instrumentos de percussão (chocalhos, pandeiros e maracas) nas mãos dos jovens mais novos, é um momento catártico tanto para quem declama, como também para quem aplaude. O aplauso, da mesma forma que o silêncio, associa-se não a um ato individual, mas sim um contexto relacional

“os aplausos nada tem a ver com um “gosto” individualizado e fortemente associado à sensibilidade pessoal não é a que está detrás desses gestos. O que eles expressam é muito mais uma ação coletiva que reforça a construção de uma persona periférica resignificada com base no orgulho, despojada da comparação infamante em relação aos sujeitos da tradição letrada”⁴² (TENNINA, 2017, p.88)

O ritual do silêncio e o aplauso operam como uma linguagem corporal que imprime uma relação de respeito fortemente vinculado ao reconhecimento das capacidades dos frequentadores. Conforme aponta Tennina “respeito aqui entendido no sentido de “amor-próprio”, que consiste na aceitação elegante da idade, da situação social ou da confiança nas capacidades pessoais⁴³”.

Essa autoestima é uma consequência notadamente forte nos poemas declamados, ela já faz parte da estética dos saraus da periferia conforme mostramos anteriormente, no entanto em uma ação da juventude isso ganha outros contornos, uma vez que esta fase da vida é marcada por inseguranças, sendo a época campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de

⁴¹ Manifesto das Vozes Poéticas in Poetas do Tietê 10anos de poesia, São Paulo, Ed. Tietê, 2018, p.58.

⁴² TENNINA, Lucía. Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017, p.88.

⁴³ Ibidem, p.94.

suicídios⁴⁴. É reconhecido o papel das atividades culturais como ponto de partida para a melhoria de autoestima, autoconhecimento e da autoproteção⁴⁵. Talvez por isso, os poemas sempre apontam para o problema social vivido, mas também sua superação, a possibilidade de “dar a volta por cima”, como mostram estes poemas que mostram ao mesmo tempo um desnudamento íntimo, mas também social⁴⁶

“A juventude é diferente
Nada a ver com a malhação
Os playboy bonito
E as mina no mó carrão
Na favela é diferente
É mó lixão
Juro tentei não chorar escrevendo essas letras
Mas mano não dá, é muitas tretas
Então vamos pra rua fazer reforma e revolução”
Trecho do poema O Povo Chora de Karine Lopes (15)⁴⁷

A poeta Karine Lopes, atualmente com 20anos, é reconhecida como uma das fundadoras do coletivo Vozes Poéticas, aliás a presença feminina é grande, tanto nas jovens organizadoras, nas que vão assistir, mas principalmente na temática dos poemas.

“Sou mulher
Mas nem por isso devo ficar em casa o dia inteiro
Lavando, passando e cozinhando
Só porque tu, homem quer
Quero ter o direito de ser o que eu quiser”
Trecho do poema Sou Mulher de E. (13)⁴⁸

A Temática da mulher negra também é presente.

“Algumas pessoas dizem que o racismo acabou
Isso é mentira, a luta da mulher negra só começou
Para os brancos ainda tudo é fácil, a mulher negra deve se unir ano a ano
Não importa sua aparência, respeite minha cor, somos todos seres humanos”
Trecho do poema Mulher Negra de L. (14)⁴⁹

Outro assunto que também marca as poesias é referente ao compartilhamento de experiências vividas e que de alguma forma foram absorvidas de maneira impactante por esses jovens da periferia. Trazer à tona essas vivências é reafirmar que nem todos vivem as mesmas experiências ou

⁴⁴ CALLIGARIS, Contardo. Adolescência. São Paulo, Ed. Publifolha, 2000. P.79.

⁴⁵ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das nações de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.35.

⁴⁶ Reafirmamos que devido ao formato do trabalho, iremos expor apenas trechos dos poemas.

⁴⁷ POETAS do Tietê, Coletâneas Poética: Veia e Ventania - Vozes Poéticas e AMOR, Ed. Tietê, 2017, p.9.

⁴⁸ Ibidem, p.40.

⁴⁹ Ibidem, p.12.

são expostos homoganeamente a determinados influxos sociais e que nem todos os jovens “processam internamente ou em termos de sua subjetividade, da mesma maneira”⁵⁰. O narrado nos poemas está ligado a momentos de angústias, como um incêndio que ocorreu em uma ocupação no território em 2013

“Por dois barracos
Meu lar não ficou em chamas
O medo tomou conta de mim
Em viver aquele drama”
Trecho do poema Incêndio na Ocupação de K. (13)⁵¹

Pode ser também de ver uma cena cotidiana, como um carroceiro catador de papelão, mas que o jovem experimenta um sentimento de alteridade do “poderia ser eu”

“O que hoje vi foi muito revoltante
O problema é que eu já tinha visto antes
Criança empurrando uma carroça, ajudando o pai logo cedo
Ao invés de empurrar um carrinho de brinquedo”
Trecho do poema Carroceiro de K. (13)⁵²

Ou mesmo uma falar sobre uma típica paixão adolescente:

“Essa menina de óculos me tocou como nenhuma outra
Consegui me tocar
Gosta de você é um descuido
Então eu quero me descuidar”
Trecho do poema A menina de Óculos de E. (13)⁵³

O sarau encerra-se com um grito: “A poesia prevalece, A rebeldia permanece, A periferia engrandece”. E independente do tema do poema que encerra o sarau, uma música é ligada e a juventude dança...

⁵⁰ LEON, Oscar Davila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.59.

⁵¹ POETAS do Tietê, Coletâneas Poética: Veia e Ventania - Vozes Poéticas e AMOR, Ed. Tietê, 2017, p.11.

⁵² Ibidem, p.30.

⁵³ Ibidem, p.12.

Considerações finais

O recorte de nosso trabalho se dá através das observações de jovens que organizam um sarau de poesia na periferia da zona norte de São Paulo. Como educador, acompanhamos o desenvolvimento do coletivo desde 2014 dentro dos muros da escola e devido ao potencial do projeto sempre foi de nosso interesse produzir um ensaio sobre o grupo Vozes Poéticas. O período de pandemia, ao qual nos encontramos, impossibilitou que pudéssemos colher alguns relatos dos próprios jovens. Por isso, o formato de nosso trabalho acabou se limitando ao nosso olhar, o diálogo com autores sobre a adolescência e juventude e produções que emergem a cultura como uma vitrine da periferia pelo viés positivo⁵⁴. Essa perspectiva abraça a cultura advinda de um cotidiano marcado pelo descaso social e a eleva à condição de instrumento reivindicatório. Sendo assim, o rap, a literatura marginal-periférica e os saraus de periferia ganham destaque por estarem associadas à uma arte engajada em inventar e fazer valer “um modo de vida que ultrapasse o suportável e se aproxime ao máximo do justo e desejável⁵⁵”. Esse viés cultural é importante, uma vez que a juventude periférica urbana carrega toda uma carga negativa em seu bojo, ligada a criminalidade, tráfico de drogas e violência. Esse estigma é muito mais por ser periférico, do que propriamente “por ser jovem”, o que estaria diretamente associada à uma condição social de classe. Podemos pensar, por exemplo, o trabalhado de Gavarini (2009) que ao apontar o discurso social sobre os jovens das periferias francesas comenta que “a esta parte da população (juventude periférica), se atribui todos os perigos, toda culpa pela violência dos bairros populares, todos os pequenos e grandes delitos⁵⁶”. Em outras palavras, ser jovem periférico em São Paulo ou em Paris é estar submetido a marca da delinquência.

Ao relembrar as problemáticas que impulsionaram este trabalho, sobre quais seriam as “contradições sociais vividas” (sic) pelos jovens das Vozes Poéticas, vemos que tais contradições sociais na verdade são os problemas

⁵⁴ BERTELLI, Giordano Barbin. Errância Racionais: a periferia, o rap e a política in: Vozes à Margem, periferia, estética e política, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017, p.35.

⁵⁵ BERTELLI, Giordano Barbin. Vozes à Margem, periferia, estética e política, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017, p.15.

⁵⁶ GAVARINI, Laurance. Como os adolescentes das periferias (se)falam? Jogos na forma de se endereçar aos pesquisadores, Estilos da Clínica, vol. 14, nº27, São Paulo, p.48-81.

sociais enfrentados por eles. São problemas que os moradores dos bairros periféricos enfrentam diariamente e o abandono de políticas sociais e culturais, aumenta ainda mais essa contradição. Nos resta compreender porque organizar esse tipo de atividade, um sarau, e porque ele é atrativo. Nosso entendimento é devido ao seu caráter cultural em lidar com as emoções e com os problemas sociais, colocando para fora o que está interiorizado e ao mesmo tempo sentindo-se protagonista desse processo e não um sujeito passivo sendo atendido nos bancos escolares ou em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), sem obviamente negar a importância desses aparelhos para o atendimento aos jovens. Quando ele declama ele exorta outros jovens, em um movimento individual e coletivo. Se sente forte em desnudar-se sem medo de julgamentos. No sarau ele reivindica, ele assume uma postura de sujeito de direitos, ele busca sua própria forma de cidadania. Uma ideia de cidadania não limitada a relação Estado-cidadão, mas também cidadão-cidadão, jovem-jovem, “transcendendo, então sua condição passiva, isto é, como algo que se recebe⁵⁷. Transcende com isso também, a ideia de programas voltados para garantir o período de moratória pensadas apenas na formação do trabalho e que muitas vezes é a visão limitada que se faz de medidas com base no ECA⁵⁸. Vale ressaltar que “a transição” do ECA para o Estatuto da Juventude (12.852/13) realizou um papel importante por justamente não limitar a compreensão da adolescência e juventude a sujeitos que necessitam e têm direitos à “proteção”, mas também dispor de políticas públicas que promovam sua autonomia e participação social e política, valorizando suas identidades individuais e coletivas⁵⁹. No entanto, não vislumbrando na prática tais políticas em sua comunidade, os próprios jovens manifestam que é necessário “um protagonismo efetivo, que rompa as cadeiras acadêmicas, pule o muro da escola e na rua se manifeste em uma arte com, para e sobre o povo”⁶⁰. Por isso, aliar o direito à cidadania e o

⁵⁷ TENNINA, Lucía. Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017, p.120.

⁵⁸ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.47.

⁵⁹ BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

⁶⁰ Manifesto das Vozes Poéticas in Poetas do Tietê 10anos de poesia, São Paulo, Ed. Tietê, 2018, p.58.

sarau, significa tratar de estruturar perspectivas positivas de vida lidando com essas contradições sociais, pois como afirma Abramo (2005)

“ a necessidade de lidar com a violência cotidiana e sempre tão próxima, as possibilidades de circular pelo espaço urbano e conquistar espaços para vivenciar formas próprias de diversão e expressão, a importância de construir identidades pessoais e coletivas no cruzamento da homogeneização e fragmentação reinantes, a busca de desenvolver uma ética pessoal frente aos novos imperativos de sucesso e prazer, com os desafios de poder viver experimentações e situações de prazer preservando sua integridade física e mental.⁶¹ (ABRAMO, 2005, p.47)

No sarau existe um reconhecimento de si mesmo num coletivo maior, para além do coletivo cultural das Vozes Poéticas, estende-se em um grupo social que define e que compartilhar uma situação comum de vida e convivência. A identidade, que acaba sendo muito mais um sentimento de pertencimento, acaba se referindo ao seu entorno, a periferia e conseqüente à sua condição social, articulando práticas e comportamentos sociais juvenis. Valendo-se de uma estética indissociável de uma ética de luta, de confronto e de reafirmação de direitos e não apenas um direito à igualdade, mas também um direito à diferença. É a possibilidade de poder pronunciar-se afirmativamente com relação a sua própria identidade de jovem periférico e de ser respeitado por isso. Esse sentimento de pertencimento, então, articula-se à um nível mais abrangente, ligado à uma ideia de cidadania, uma cidadania ativa que como conclama a juventude “expressa a revolta, enfrentando os medos, agredindo as condições que o governo dá, não com pedras ou facas, mas com a voz, com a nossa voz”⁶².

⁶¹ ABRAMO, Helena Wendel. O uso das nações de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais, São Paulo, Ação Educativa, 2005, p.47.

⁶² Manifesto das Vozes Poéticas in Poetas do Tietê 10anos de poesia, São Paulo, Ed. Tietê, 2018, p.58.

ANEXOS

MANIFESTO DAS VOZES POÉTICAS

O som que interrompe o silêncio anuncia a voz outrora calada e excluída.

Voz de luta que clama, reclama e chama.

Faz da dor poesia e das palavras balas.

Chega de esperar calado, sentado em frente à televisão que mente em HD, assistindo às novelas das 9 nove que hipnotiza os trabalhadores, fazendo eles acreditarem que é mais importante saber o grande final ao invés das eleições (que por falta de sinal nunca atendem nossas expectativas).

Contra reis e rainhas, contra fadas e o mundo fictício das maravilhas que foi nós dado como realidade e que nos anestesia com a programação do dia

Visto Preto não por luto, mas por luta (coro)

Por um protagonismo efetivo, que rompa as cadeiras acadêmicas, pule o muro da escola e na rua se manifeste em uma arte com, para e sobre o povo

Não podemos mais oferecer às nossas meninas um modelo de como devem ser, isso não seria justo nem com ela, nem com você

Nós não podemos oferecer a elas que a princesinha da monarquia é uma coisa boa,
não podemos e não vamos (coro)

Devemos parar de adaptá-las a segurar um bebê desde cedo, isso é ridículo, isso é um absurdo! Nós não podemos julgá-las por não querer usar maquiagem ou não querer colocar o lacinho rosa, **não vamos (coro)**

Não vamos fazer dos meninos máquinas de produção, construídas somente para aumentar a riqueza de empresas que se favorecem com o seu trabalho suado

Não iremos mais tolerar que sejamos julgados pela cor de nossa pele, o branco é lindo, o amarelo é lindo, o vermelho é lindo, o negro é lindo

Não iremos esperar o mundo em que vivemos se transformar em um lugar mágico com unicórnios e fadas, lutaremos pelo real

Não queremos mais receber olhares de compaixão sobre a periferia, e não poder demonstrar nossa insatisfação, ter medo de sair às ruas, **saiemos (coro)**

Pela valorização do que realmente deve ser respeitado a Lei-tura...do mundo.

Nós não queremos e nem vamos mais receber as migalhas que governo capitalista, mandatário em nossas terras nos oferece, não queremos mais ser seus escravos, queremos nossos direitos garantidos

Visto Preto não por luto mas, por luta (coro)

Nossos protestos não irão acabar até que tenhamos uma vida digna, em que todos sejam respeitados por suas diferentes características e preferências amorosas.

Esta insurgência nasce daqueles que sabem o que é a vida pública, a saúde pública, o transporte público, a escola pública, e quer almejar a universidade pública

Por uma educação que liberte as mentes, e não crie no oprimido o sonho de ser opressor

Por uma arte com, para e sobre o povo

Expresso a revolta, enfrentado os medos, agredindo as condições que o governo nos dá, não com pedras ou facas, mas com minha voz, **com nossa voz! (coro)**

ARTE DE DIVULGAÇÃO DO SARAU



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005.

BERTELLI, Giordano Barbin. Errância Racionais: a periferia, o rap e a política in: *Vozes à Margem, periferia, estética e política*, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra? In Bourdieu, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

CALLIGARIS, Contardo. *Adolescência*. São Paulo, Ed.Publifolha, 2000.

GAVARINI, Laurance. Como os adolescentes das periferias (se)falam? Jogos na forma de se endereçar aos pesquisadores, *Estilos da Clínica*, vol. 14, nº27, São Paulo, p.48-81.

LEON, Oscar Davila. *Adolescência e juventude: das noções às abordagens*. In: *Juventude a adolescência no Brasil: referências conceituais*, São Paulo, Ação Educativa, 2005.

MANIFESTO das Vozes Poéticas in *Poetas do Tietê 10anos de poesia*, São Paulo, Ed. Tietê, 2018.

PARDEU, Derek. “O que adianta estética sem ética?” in: *Vozes à Margem, periferia, estética e política*, São Paulo, Ed.UFSCAR, 2017.

POETAS do Tietê, *Coletâneas Poética: Veia e Ventania - Vozes Poéticas e AMOR*, Ed. Tietê, 2017.

REYES, Alejandro. *Vozes dos Porões: A literatura periférica/marginal do Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2013.

SAVAGE, Jon. O século americano, G. Stanley Hall e Adolescence in: *A criação da juventude. Como o conceito de teenager revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro. Rocco, 2009.

TENNINA, Lucía. *Cuidado com os poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo*, Porto Alegre, Ed. Zouk, 2017.